

CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO REVOLUCIONÁRIA NA AMÉRICA LATINA: UM ESTUDO DA CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO CUBANA

Dayane de Freitas Colombo Rosa¹, Roseli Gall do Amaral da Silva², José Joaquim Pereira Melo³

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade Palas Atena. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, PR. E-mail: dayemarcio@hotmail.com

² Doutora em Educação Pela Universidade Estadual de Maringá - UEM e Doutora em Estudos Clássicos (Mundo Antigo) pela Universidade de Coimbra/Portugal. Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, Campus Apucarana, PR.

³ Doutorado em História e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista - UNESP. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e Educação Profissional da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, PR.

RESUMO

Este artigo tem como objeto de pesquisa a história da educação na América Latina, em específico a história da educação em Cuba no período de 1959 à 1961. Foi desenvolvida uma breve análise da campanha contra o analfabetismo e suas implicações para a formação de um modelo de homem revolucionário denominado de: o homem novo, em que a educação foi utilizada como um dos pilares fundamentais para uma práxis revolucionária. Como fontes foram utilizados o Discurso de Fidel de 1979, a Cartilha *Venceremos* e o Manual *Alfabetecemos*. A cartilha foi elaborada levando em consideração os processos históricos vivenciados por Cuba naquele momento, e o Manual continha orientações ao professor sobre como utilizar a cartilha e, como aplicar corretamente a metodologia proposta. Além disso, tratava de temas de orientação revolucionária, em uma tentativa de politizar os voluntários e de direcioná-los com relação ao foco que deveria ser dado às discussões dos temas.

Palavras-chave: Cuba, Analfabetismo, Educação, Revolução.

CONSIDERATIONS ON THE HISTORY OF REVOLUTIONARY EDUCATION IN LATIN AMERICA: A STUDY OF THE CUBAN LITERACY CAMPAIGN

ABSTRACT

The objective research of this article is the education history in Latin America, specifically the education history in Cuba from 1959 to 1961. A brief analysis of the campaign against illiteracy and its implications for the formation of a model of the Revolutionary man called the “new man”, of which whose education was used as one of the fundamental pillars for a revolutionary praxis. As sources were used The Speech of Fidel of 1979, the Booklet *Venceremos* and the Manual *Alfabetecemos*. The booklet was elaborated taking into account the historical processes experienced by Cuba at the time, and the Manual contained guidelines to the teacher on how to use the booklet and how to correctly apply the proposed methodology. In addition, it dealt with topics of revolutionary orientation in an attempt to politicize the volunteers and to direct them in relation to the focus that should be given to the discussions of the subjects.

Keywords: Cuba, Illiteracy, Education, Revolution.

INTRODUÇÃO

O processo histórico da educação revolucionária em Cuba, segundo Souza (2016), desenvolve-se a partir de primeiro de Janeiro de 1959, quando a saga de Fidel Castro, Che Guevara e seus guerrilheiros derriba a ditadura de Batista, apresentando uma nova realidade aos cubanos. No período de 1959 a 1961, foi introduzido um método de caráter político-social, que ainda persiste, por ser considerado de grande eficácia, com

fins essencialmente educativos, os discursos dos dirigentes da Revolução, em especial de Fidel Castro levou o povo a refletir sobre a problemática internacional, e, em especial nacional.

Podemos dizer, na verdade, com uma segurança absoluta, que este processo revolucionário não terá nada, nem ninguém, que possa fazê-lo recuar (APLAUSOS), que este pro-

cesso revolucionário, não haverá nada e nem ninguém que possa detê-lo, porque a sua força não está só na quantidade dos homens e mulheres que o defende, na massa do povo que o apoia, nas armas formidáveis com que contamos para lutar no caso de guerra, mas sim e fundamentalmente, no grau em que penetrou as suas consciências, pelo tão elevado grau em que se transformou na consciência do povo. E quando uma causa, um ideia, se torna consciência de todo um povo, não existe força no mundo capaz de a destruir (APLAUSOS) (CASTRO, 1979, p. 16-17).

Antes da Revolução, a ilha vivia sob a ditadura militar instaurada por Fulgêncio Batista em 1952. Do ponto de vista econômico, era dependente dos Estados Unidos, já que as empresas norte-americanas controlavam setores-chave como transporte, comunicação, sistema financeiro e turismo. Além disso, era para lá que ia a maior parte da cana-de-açúcar produzida em Cuba.

O processo de luta contra a ditadura de Batista ganha terreno fértil para florescer em 1953 a partir do assalto ao quartel Moncada e se consolida em 1959, após longo período de luta entre revolucionários e contra revolucionários, período este caracterizado por luta armada. É nesse contexto de complexo processo de luta para efetiva transformações materiais, de forma mediatizada a sociedade cubana vai ganhando contornos característicos de uma nova base material, a temática da formação de um homem novo, tendo como instrumento a educação é alvo de diversas atenções e discussões, isso porque, os critérios que pautavam o agir humano segundo Fidel não pode ser mais como antes porque:

Não é a atitude de um povo de fanáticos, não é a atitude de um povo acostumado a obediência cegas, de um povo que faça as coisas porque assim lhe é ordenado ou porque assim lhe é exigido, mas sim de um povo que faz realmente as coisas porque as

compreende, porque as entende, porque as quer fazer (CASTRO, 1979, p. 17).

A reestruturação produtiva que se iniciava exigia que a sociedade também fosse reestruturada, os valores educativos precisam dar suporte aos novos padrões de comportamento humano necessários nessa nova etapa do sistema de produção cubano. Destarte, fazia-se necessário erradicar o analfabetismo e formar para tanto novos *maestros*.¹

Guardadas as devidas proporções, convém esclarecer que não se pretende fazer uma apologia ao sistema cubano, mas sim, investigar como neste período histórico buscou-se em Cuba responder as necessidades emergentes de sua sociedade e quais as repercussões para a formação de uma educação revolucionária.

METODOLOGIA

O artigo foi estruturado por um caráter bibliográfico, dessa forma foi realizada uma leitura atenta e sistemática da cartilha “*Venceremos*” e do manual “*Alfabeticemos*”, assim como de fontes constituídas principalmente de livros e artigos de periódicos que permitiram compreender os aspectos políticos, econômicos e sociais de Cuba no período de 1959-1961, o que proporcionou conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre o tema abordado. A análise do objeto de pesquisa foi articulada ao processo de transformação da sociedade que se pretendeu estudar, ao contexto da reestruturação produtiva da mesma e as novas relações educativas necessárias para atender o novo modelo societário constituído.

Partiu-se do pressuposto de que “[...] Definir as relações humanas como responsáveis pelo processo de transformação coloca o homem na condição de construir sua historicidade e rompe com a concepção de natureza pronta. [...]” (PEREIRA MELO; ROSINA, 2007, p. 4). Dessa forma, corrobora – se com a ideia de que:

[...] A exigência de totalidade implica, sim, em compreender a realidade por suas múltiplas conexões, examinar as relações entre os fenômenos para

¹ Segundo Peroni as palavras mestre e professor são entendidas de forma distinta. Mestre é aquele que se compromete com a formação humana e a educação, professor aquele que apenas ministra aulas de forma técnica (PERONI, 2006).

além da causalidade aparente. Consiste compreender os processos de mudança, quer se apresentem com transformação efetiva, quer se apresentem como permanência, renovação ou modernização do já instituído. [...] (NAGEL, 2015, p. 25).

Dessa forma, a análise bibliográfica foi realizada pelo entendimento de história como luta de classe, totalidade e contradição e não como narração de fatos, tentando apreender o homem como produto de sua prática histórica, ou seja, como explicita Marx (2007), na sua obra *Ideologia Alemã*, a expressão das determinações existenciais que objetivam a produção e, ou a reprodução da vida.

RESULTADOS

A República de Cuba é um país que está localizado na América Central no mar do Caribe, tendo como capital a cidade de Havana e aproximadamente 11 milhões de habitantes, Cuba assim como o Brasil é um país que faz parte da América Latina. Ao fazer uso do termo América Latina compreende-se que esse conceito envolve discussões que vão do âmbito da linguística até a biologia e que devido a sua pluralidade ainda não está totalmente definido, para Diniz (2007), o conceito de América Latina é visto como problemático.

Durante muito tempo o conceito “América Latina” foi sinônimo de subdesenvolvidos, não civilizados, povo pobre, nativo e corrupto. Este cenário começa a mudar a partir das décadas de 1950 – 1960, quando os Estados Unidos da América a fim de impor uma maior dominação atribui a essa expressão diversos discursos políticos e ideológicos.

O conceito de América Latina e de identidade latino-americana são alguns dos temas que por diversas décadas foram pautas de amplos debates e interpretações divergentes, concebidas de um lado, por uma literatura dominante – de origem colonizadora –, que interpretava a região negativamente e, de outro pela teoria regionalista, composta predominantemente por inte-

lectuais de origem latina (SOUZA, 2011, p. 2).

Roberto Reis, em seu texto “O espaço da latino – Americanidade” de 1988, afirma que:

O homem latino-americano era o objeto e não sujeito de sua história. Pois a história nos foi imposta pelo colonizador. Enquanto a América Latina não assumiu (não assume) a condição de seu processo histórico, a realidade em vigência entre nós foi (tem sido) a europeia. Ou seja, fomos (somos) dependentes culturalmente. E é claro, a dependência cultural é o corolário de uma dependência econômica e política (REIS, 1998, p.26).

É neste cenário de discussões que a República de Cuba se insere, e mesmo apresentando um histórico atípico se destaca em educação segundo o próprio Banco Mundial, “[...] Nenhum sistema escolar da América Latina hoje, com exceção talvez de Cuba, está muito próximo de padrões elevados, elevado talento acadêmico [...]” (BRUNS; LUQUE, 2014, p. 11).²

Para Trojan “A educação cubana, a partir da revolução de 1959, desenvolveu uma trajetória que partiu de uma situação precária – com analfabetismo e falta de professores, e alcançou, no século XXI, uma condição invejável [...]”, o que se contrapõe ao contexto atual da maior parte da América Latina (TROJAN, 2008, p.3).

Rodríguez (2011), argumenta que a educação cubana “consiste em um sistema bem estruturado [...] com dois Ministérios da Educação, um que atende à Educação Superior e outro, ao resto dos subsistemas” (RODRÍGUEZ, 2011, p. 45).

Entende-se que “[...] mediante necessidades diferenciadas, o sistema educacional tomou para si diferentes formas e propostas de ensino, para criar determinado tipo de homem, capaz de responder simultaneamente às necessidades produtivas da sociedade [...]” (PEREIRA MELO, 2000, p. 12).

² “[...] No Latin American school system today, except possibly Cuba’s, is very close to high standards, high academic talent [...]” (BRUNS; LUQUE, 2014, p. 11)

A primeira medida do governo revolucionário em 1959 foi a criação da Comissão Nacional de Alfabetização e Educação Fundamental, desde então Fidel Castro passa explicitar em discursos televisionados que “o analfabetismo era um inimigo tão poderoso quanto o imperialismo e por isso era preciso continuar o trabalho educacional iniciado pelo Exército Rebelde, na etapa insurreccional” (PERONI, 2006, p. 32). Neste cenário, foram chamados a colaborar mestres voluntários, Enrique Pineda Barnet foi o primeiro a se inscrever como mestre voluntário após ouvir Fidel pela TV explicitando a necessidade de criar um movimento de jovens *maestros* para servir e alfabetizar os trabalhadores rurais para que a consolidação da revolução se efetivasse. Os discursos de Fidel Castro pronunciados nos períodos de 1959 à 1961 podem ser considerados instrumentos políticos – sociais para a disseminação e consolidação dos ideais revolucionários da política educacional que passou a fundamentar a pedagogia cubana a partir da reestruturação produtiva (RODRÍGUEZ, 2011, p. 45).

Segundo Peroni (2006), os *maestros* voluntários receberam três meses de treinamento em “*Sierra Maestra*”, receberam formação nas disciplinas de Didática, matemática, psicologia e treinamento militar e o chamado “currículo oculto” que consistia como aquele que não estava pautado nos conteúdos, mas sim nos valores que eram necessários ser incorporados.

No ano de 1960, Fidel Castro em 26 de setembro em um discurso pronunciado na Assembleia Geral da ONU, pronunciou que dentro de um ano Cuba seria o primeiro país latino – americano livre do analfabetismo, desde então se inicia os preparativos oficiais para a Campanha de Alfabetização Cubana. A Campanha de Alfabetização foi estruturada em quatro seções, sendo elas: Técnica, Propaganda, Finanças e Publicações. A seção responsável pela técnica elaborou o material didático pedagógico que deveria ser utilizado para alfabetizar dentre eles: a cartilha “*Venceremos*” e o manual do alfabetizador “*Alfabeticemos*”.

A cartilha “*Venceremos*”, foi composta com quinze lições:

- [...] 1. OEA (Organização de Estados Americanos); 2. Inra (Instituto de Reforma Agrária); 3. La Cooperativa de Reforma Agrária; 4. La tierra; 5. Los Pescadores Cubanos; 6. La tienda Del pueblo; 7. Cada

cubano dueño de su casa; 8. Um pueblo sano em uma Cuba libre; 9. Int. (Instituto Nacional de Indústria Política); 10. La Milicias; 11. La Revolución gana todas las batallas; 12. El pueblo trabaja; 13. Cuba no esta sola; 14. El año de La Educación; 15. Poesía y alfabeto (PERONI, 2006, p. 53).

O texto para a leitura dos alfabetizandos da lição número 10 da cartilha “*Venceremos*” com o título de *Las Milicias*, expressa o movimento de conscientização do povo para lutar pela revolução e contra a ditadura:

Estamos unidos em La defensa de La Patria.
La milicia es El pueblo.
Cada cubano um miliciano.
Um miliciano vigilante y disciplinado (CUBA, 1961, p. 73).

O manual do alfabetizador “*Alfabeticemos*” explicitava a forma como as lições da cartilha deveriam ser abordadas e explicadas contribuindo para a formação política – pedagógica do professor brigadista³, como observa-se no trecho retirado do manual:

La Declaración de La Habana contiene el programa y el ideario de nuestra Revolución, como señala Fidel en la ONU. En ella se reconocen los derechos del campesino a la tierra, del obrero a su trabajo, del niño y del indio a la plena dignidad humana, del anciano a una vejez segura, de todos los países a su plena soberanía. La Declaración de la Habana, a su vez, condena la explotación del hombre por el hombre y la política imperialista que siguen algunos países poderosos contra los países pequeños y subdesarrollados. La Declaración de La Habana plantea ante el mundo la

³ Brigadistas eram chamados os professores que participaram da Campanha de Alfabetização de 1961.

lucha por conseguir la existencia de un hombre plena y verdaderamente libre en un mundo también libre de explotación y de miséria (CUBA, 1961, p. 68)

Em 22 de setembro de 1961, Fidel Castro declara Cuba como território livre de analfabetismo. Para Rodríguez (2011), a ideia mais propagada durante esse período é a necessidade de que todo cubano atinja a humanização. Segundo o autor, cumpriu-se o “*Programa da Moncada*”.

Nas primeiras páginas do manual do alfabetizador “*Alfabetícemos*”, encontra-se uma explicação sobre a causa do analfabetismo no país:

El analfabetismo, producto Del subdesarrollo provocado por La intervención del imperialismo y producto indirecto del atraso económico – político del país, es un enemigo poderoso que debemos vencer y, así como nos unimos cubanos de todos los sectores para defender la soberanía de nuestra patria, nos uniremos también para liberar a nuestro país de esse enemigo, interno y lograr con su liquidación una plena libertad y una unidad incorruptible (CUBA, 1961, p.5).

O manual do alfabetizador se divide em orientações gerais para o alfabetizador e 24 temas de orientações revolucionárias. Para o alfabetizador recomenda-se:

Muéstrese animoso ante las dificultades, piense que trabaja para La Patria combatiendo La ignorância; b) Evite dar órdenes. Diga: Vamos a trabajar. Vamos a estudiar. Use expresiones estimulantes como: ¡ Va muy bien! ¡ Adelante! ¡ Perfecto! etc. ; c) Evite el tono autoritario, recuerde que la labor de alfabetización se realiza em común entre alfabetizador y analfabeto; d) Si observa fatiga o cansancio cámbieles de trabajo (CUBA, 1961, p. 11).

Para Florestan Fernandes (2007), a Revolução Cubana apresenta a responsabilidade de retirar:

[...] a América Latina da constante das 'revoluções interrompidas' e da retórica ideológica 'liberal', que proclama o reformismo e o nacionalismo democrático, enquanto o capital se vale da força bruta dos militares e da opressão como estilo de vida [...] (FERNANDES, 2007, p. 327).

O que pode ser observado no discurso de Fidel:

O comunismo não pode se estabelecer, evidentemente, como dizíamos, se não se criarem riquezas em abundância. Mas o caminho, a nosso ver, não é criar consciência como o dinheiro ou com a riqueza, mas sim criar riquezas com a consciência e cada vez mais riquezas coletivas com uma maior consciência coletiva (APLAUSOS) (CASTRO, 1979, p. 35).]

A campanha contra o analfabetismo não fora o objetivo final para a consolidação de uma educação revolucionária, mas a primeira etapa desse processo. Pretendeu-se conscientizar a sociedade de que o processo revolucionário deveria partir do indivíduo auto – liberto, que deveria tornar-se ao mesmo tempo aprendiz e mestre. Fidel Castro explicita a tarefa da revolução no seu discurso proferido na concentração comemorativa do 15º aniversário do ataque ao quartel “*Moncada*”, na praça da Revolução em Las Villas, em 26 de julho de 1968, conhecido como ano do guerrilheiro heroico.

Porque a Revolução, a grande tarefa da Revolução, consiste essencialmente em formar o homem novo de que aqui se falou, o homem novo de que falou o Che, o homem de consciência verdadeiramente revolucionária, o homem de consciência verdadeiramente socialista, o homem de consciência

cia verdadeiramente comunista (CASTRO, 1979, p.7)

A educação revolucionária pretendia proporcionar uma formação integral que não separa a técnica da ciência, ou seja, o trabalho da reflexão. O homem novo deveria assumir a responsabilidade de mestre e aprendiz, sendo essa a consciência revolucionária, aquela que parte do indivíduo para o coletivo, que resgataria a dignidade e criaria a identidade social revolucionária.

DISCUSSÃO

Os novos princípios formativos necessários da época emergem no processo de transformação de uma sociedade “pseudo independente”, até então liderada pelos interesses liberais norte americanos desde a guerra hispano – americana de 1898. A educação não ficou alheia a essas transformações e, em um cenário de transição da ordem econômica capitalista burguesa para a socialista fez-se necessário formar um homem novo.

Cuba foi colônia espanhola de 1510 a 1898, conquistou sua independência a partir da intervenção militar dos EUA contra a nação espanhola nos primeiros anos do século XX – leia-se “pseudo – independência”, pois considera-se a tardia independência cubana como uma transição da situação de colônia espanhola para neocolônia americana, considera-se como principal fato fenomênico para essa situação a denominada *Emenda Platt* na constituição Cubana, dessa forma a nação agora considerada independente rende-se ao imperialismo estadunidense.

A Emenda Platt, em seu artigo terceiro, autorizava o governo dos EUA a intervir nos assuntos internos de Cuba; em seu artigo sétimo, estava estabelecido que o governo de Cuba venderia ou arrendaria aos EUA as terras necessárias para carvoarias e estações navais. Foi assim que Guantánamo ficou sob controle dos EUA, situação que permanece até hoje (PERONI, 2006, p. 25).

Depois de aproximadas cinco décadas segundo Rodríguez (2011) “o nível de analfabetismo numa população de 5,5 milhões de habitan-

tes, atingia, em média, 23,6% dos maiores de 15 anos; e nas zonas de montanha e rurais chegava a 40%” (2011, p. 45), desenvolveu - se um cenário de marginalização e miséria de grande parte da população, precariedade da saúde e educação. Assim, fomentou o assalto ao quartel Moncada em 1953, esse movimento revolucionário contra a ditadura de Fulgencio Batista denominado 26 de Julho liderado por Fidel Castro e tendo como participantes Che Guevara e Camilo Cienfuegos foi mal sucedido, muitos dos participantes foram mortos e outros exilados. Os 82 homens que foram exilados retornam à Cuba em 1956 confrontam-se com as forças armadas do governo e sobrevivem apenas 22 deles que refugiam-se nas matas de “*Sierra Maestra*”. Em 1959 após um longo período de luta armada, tem – se a ofensiva final e a tomada do poder pelos revolucionários. Neste momento, se intensifica as discussões sobre a necessidade de formar um homem novo.

Ernesto ‘Che’ Guevara em seu texto O socialismo e o homem em Cuba dirigido a Carlos Quijano em 1965, explicita que “para construir o comunismo, paralelamente à base material tem que se fazer um homem novo.” (Che Guevara, 1965, p. 5). Nesse sentido, para Che Guevara (1965), o homem novo deve ser formado por meio da educação, para ele “a educação penetra nas massas e a nova atitude preconizada tende a converter-se em hábito; a massa vai incorporando-a e pressiona quem ainda não se educou. Essa é a forma indireta de educar as massas.” (Guevara, 1965, p. 6)

No discurso pronunciado por Fidel Castro em *Granma* em 12 de outubro de 1987, em comemoração ao aniversário de morte do comandante Ernesto Che Guevara, Fidel o referencia como modelo de homem novo:

Tenemos suficiente experiencia para saber cómo hascer las cosas, y en las ideas del Che, em el pensamiento del Che hay principios valiosísimos, de un valor inmenso, que rebasan simplemente ese marco que muchos puedan tener de la imagen del Che, como un hombre valiente, heroico, puro, del Che como un santo por sus virtudes, y un mártir por su desisterés y heroísmo sino del Che como revolucionario, del Che como pensador, del Che

como hombre de doctrina, como hombre de grandes ideas que con una gran consecuencia fue capaz de elaborar instrumentos, principios que, sin Duda, son esenciales en el camino revolucionario. (CASTRO, 1988, p. 209).

E ainda salienta:

Y digo así, com satisfacción, hoy, que estamos rindiéndole al Che el honor que merece, el tributo que merece; ¡ y si El, vive mas que nunca, la pátria vivirá también más que nunca! ¡ Si El es un adversario más poderoso que nunca frente al imperialismo, la pátria será también más fuerte que nunca frente a ese mismo imperialismo y frente a su podrida ideología! ¡Y si un dia escogimos el camino de la revolución, de la revolución socialista, el camino del comunismo, de la construcción del comunismo, hoy estamos más orgullosos de Haber escogido ese camino, porque solo ese camino es capaz de crear hombres com el Che, es capaz de forjar un pueblo de millones de hombres y mujeres capaces de ser com el Che! (CASTRO, 1988, p. 219)

Para Pérez e Galdos (1988), Che sempre enfatizou que a importância da educação para a transformação do homem deve buscar alterar a sua consciência e a sua forma de apreender e interagir com o mundo. E ao mesmo tempo contribuir para que esse homem altere a estrutura econômica de sua sociedade (desenvolvimento técnico). Segundo Che, todos os cubanos tinham a obrigação moral de se aperfeiçoar cotidianamente para assim permanecerem progredindo rumo à libertação completa da consciência e do trabalho. Este trabalho, deveria, cada vez mais – e graças à aplicação intensiva de ciência e tecnologia, ser executado por máquinas em benefício dos seres humanos (GUEVARA apud PÉREZ-GALDOS, 1988, p.139).

Nesse sentido, ao analisar o modelo educacional cubano, pode-se observar a educação como instrumento de luta, que segundo Marx e Engels configura-se em dois momentos: um de crítica a ideologia burguesa e outro de formulação de uma nova concepção de mundo com vistas aos interesses populares.

Diante desta perspectiva, Cury discute o papel da educação:

O papel mediador da educação, sua ligação com a totalidade, a partir das relações sociais, permite pensá-la não refletindo mecânica e linearmente as estruturas de base e nem pairando acima da estrutura social. Ao contrário, permite pensá-la no conjunto do movimento das relações sociais próprias de uma dada sociedade. Se o pressuposto dessa sociedade são as relações sociais inerentes ao capitalismo, ainda que em geral, então a densidade histórica da educação estará em relação com as necessidades da produção social (CURY, 1986, p.87).

A *Ideologia Alemã* no capítulo I do volume I, que abrange o conteúdo fundamental de toda a obra, pela sua exposição da concepção materialista da história e pelo desvelar de categorias que permitem a compreensão das relações sociais a partir das relações de produção, numa conexão objetiva entre forças produtivas e relações sociais. Logo no prefácio já são questionadas as formas falsas como os homens representam a si próprios e a vida, e a intenção dos autores em libertá-los dessas ficções:

Libertemo-los da ficção do cérebro, das idéias, dos dogmas, das essências imaginadas sob cujo jugo se atrofiam. Rebelem-nos contra o domínio das idéias. Ensinemo-los a trocar estas fantasias por idéias que correspondem à essência do Homem [...] a terem uma atitude crítica face a elas, [...] a expulsá-las da cabeça, [...] e a realidade vigente ruirá (MARX, 1984, p.7).

No texto, subentende-se que a educação é a forma pela qual os autores propõem que seja construída essa libertação, o que remete ao conceito de educação que fundamenta seus pressupostos: o conhecimento como instrumento que permita desmascarar no processo histórico as relações sociais como construto humano e, portanto cabível de interferências e mudanças.

Entretanto, é ilusório pensar que a educação seja capaz por si só de transformar o mundo, o que fica estabelecido é que a educação deve ser um instrumento e que existem tarefas para os educadores como desmistificação da alienação e da ideologia.

CONCLUSÃO

A história da educação revolucionária de Cuba objetivou formar o homem novo, um homem que tem consciência, o que segundo Che Guevara significa, o indivíduo que recebe continuamente o impacto do novo poder social e percebe que não pode estar completamente adequado a ele. E que sob a influência da pressão que supõe a educação indireta, ele trata de construir seus próprios juízos de valor e se auto-educar. Um homem que possui o conhecimento da técnica e da ciência, que produz riqueza por meio da consciência coletiva e que ao mesmo tempo em que ensina aprende.

Em todo o processo de construção do homem novo guevarista, a consciência se estabeleceu como o principal fator que determinaria ou não o seu advento. E, para Che, uma das maneiras mais eficazes de se ampliar o grau de conscientização das massas era a educação.

No que se refere a educação, sua tarefa primordial segundo Cury (1986), é desvelar as contradições existentes nas relações sociais por meio da prática social, e quanto ao ensino, faz-se necessário capacitar o educando e instrumentalizá-lo teoricamente a fim de esteja habilitado a fazer a análise de seu contexto político, econômico e educacional em uma dada conjuntura.

As possibilidades da educação se expressam a partir da consciência dos seus limites, e de suas possibilidades em desvelar aquilo que é concreto- a consciência de classes, por meio de uma teoria mais elaborada que revele no caráter hegemônico, mediador e contraditório dessa prática, os elementos decisivos de sua contradição, contribuindo para sua transformação.

Nesse sentido, investigar a educação revolucionária em Cuba e o tipo de homem a mesma almejou formar pode contribuir para fomen-

tar discussões do processo educacional no Brasil, quanto à formação docente para uma práxis mais efetiva e transformadora, que possibilite a formação de um homem novo com consciência coletiva.

REFERÊNCIAS

BRUNS, Barbara; LUQUE, Javier. **Great Teachers: How to Raise Student Learning in Latin America and the Caribbean**. Washington: World Bank, 2014.

CASTRO, Fidel. **O homem novo e a nova mulher em Cuba**. São Paulo: Global, 1979.

CASTRO, Fidel. Por el camino correcto. **Compilación de textos**. Política, la Habana, 1988.

CUBA, Ministério de la Educación. **Alfabetemos manual para el Alfabetizador**. La Habana: Imprenta Nacional, 1961.

CUBA, Ministério de la Educación. Comisión Nacional de Alfabetización. **Venceremos cartilha**. La Habana: Imprenta Nacional, 1961.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1986.

DINIZ, Dilma Castelo Branco. O conceito de América Latina: uma visão francesa. **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 12, p. 129-148 dez. 2007.

GUEVARA, Ernesto Che. **O socialismo e o homem em Cuba**. Semanário Marcha, Montevideo. Março de 1965

FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana**. São Paulo: Expressão Popular, 2007 (352p.)

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Moraes, 1984.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stiner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Contribuição para uma história da América Latina**. São Paulo: Edições Populares, 1982.

NAGEL, Lizia Helena. Do método ou de como pensar o pensamento. In: TULESKI, Silvana Calvo; CHAVES, Marta; LEITE, Hilusca Alves. (Orgs.). **Materialismo histórico-dialético como fundamento da psicologia histórico – cultural**. Maringá: Eduem, 2015.

Recebido para publicação em: 15/08/2017

Revisado em: 24/09/2017

Aceito em: 03/10/2017

PEREIRA MELO, José Joaquim. A Educação no Império dos preferidos do Sol. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 23., 2000, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPEd, 2000. p. 1-13.

PEREIRA MELO, J. J. ; ROSINA, D. Para o entendimento e a crítica do individualismo em Karl Marx. In: ENCONTRO DE ESTUDOS EM HISTÓRIA, TRABALHO E EDUCAÇÃO, 2007, CAMPINAS. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2007. v. 1. p. 1-10.

PERONI, Vera Maria Vidal. **A Campanha de Alfabetização em Cuba**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

PÉREZ-GALDÓS, V. **Un hombre que actua como piensa**. La Habana: Editora Política, 1988.

REIS, Roberto. O espaço da latino-Americanidade, **Crítica Literária Latino Americana**, Lima, 1988, p.25-37.

RODRÍGUEZ, Justo Alberto Chávez. A educação em Cuba entre 1959 e 2010. *Estud. av.* v.25 n.72 São Paulo May/Aug. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142011000200005>. Acesso em: set. 2016.

SOUZA, Ailton. América Latina, conceito e identidade: algumas reflexões da história. **PRACS: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, n. 4, p. 29-39, dez. 2011.

SOUSA, Joceli de Fatima Arruda. As políticas para a formação docente em cuba após 1959 e a universalização do ensino superior. SEMINÁRIO NACIONAL UNIVERSITAS/BRISN, 24., 2016, Maringá. **Anais... Maringá, 2016**, p. 2446-6123.

TROJAN, Rose Meri. Educação Básica e Formação Docente em Cuba: Prós e Contras. **Jornal de Políticas Educacionais**, N. 3, p. 53 – 54, jan./ jun. 2008.